

O paradoxismo  
ou a antipoesia



L • E • T • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL ANO I Nº 11

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 28 de abril de 1994



**A estética  
do desejo  
inusitado**

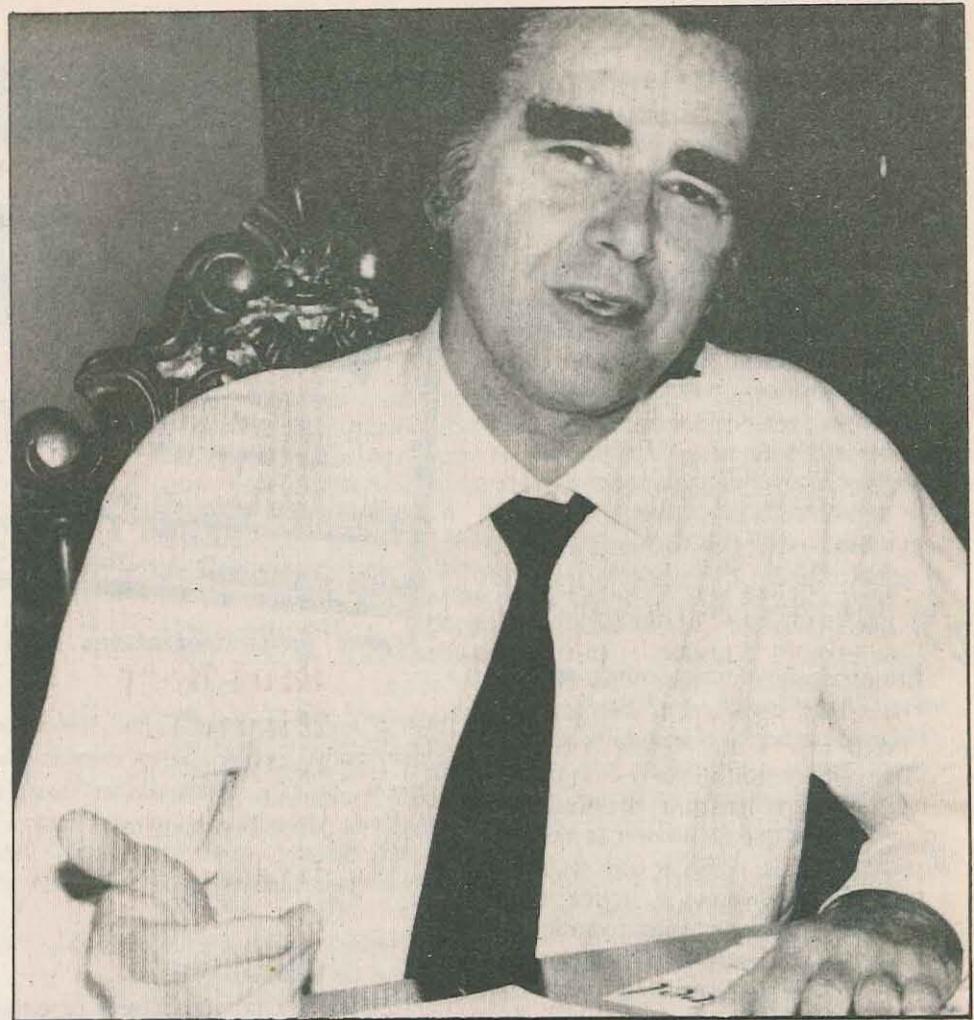
## Entrevista/Diniz Félix dos Santos

Agitador cultural, poeta e trovador, Diniz Félix dos Santos edita há dez anos a revista **Poietiké**, publicação xerografada, "folhinhas de xerox", que serve de "ponto de encontro para poeta em qualquer parte do mundo".

Com mais de três mil 500 assinaturas, do Brasil e do exterior, **Poietiké** honra o termo grego do qual se origina e faz da concepção do termo a **poética** à qual se propõe. É uma realidade literária!

Sobre Brasília, balzaquiana na idade da razão, Diniz não filosofa: a produção literária é intensa. Falta ainda "coesão cultural". Mas isto vem com o tempo. Brasília não é apenas um traço parado no ar. Tem alma.

□ **Nelson Pantoja**  
Editor/DF Letras



Diniz: "A coesão cultural do DF vai surgir naturalmente"

# Brasília, aos 34 anos, já tem vida poética

**Como se encontra a cultura no DF de um modo geral?**

A Cultura no DF passa por um momento relativamente bom. Nas últimas semanas, tivemos a inauguração do "Parque de Los Poetas", na Embaixada do Chile, a Exposição de Esculturas Gregas, no ParkShopping, a apresentação do Grupo ATTIS, na Sala Villa-Lobos, a Exposição de Pintura patrocinada pela Embaixada do Equador, no Instituto de Cultura Hispânica, lançamentos de livros,...

Os poetas de Brasília ganham prêmios importantes, e isso se constitui em orgulho para a nossa comunidade. Nomes, não digo. São tantos que, se citar os que me vêm à memória, agora, cometerei a injustiça de omissão para com outros tantos excelentes.

**Brasília, aos 34 anos, já tem um perfil cultural? Aqui nos dois sentidos: O da produção e o da originalidade?**

A produção é intensa. Escreve-se muito e escreve-se bem, em Brasília. A publicação não mostra em número essa intensidade. Entretanto, a iniciativa privada editorial tem trabalhado com dedicação e até sucesso; a ela devemos uma parte do nosso estágio de desenvolvimento. As dificuldades não são só as daqui. Escritores do Rio e de São Paulo se queixam dos mesmos problemas.

A originalidade, salvo exceções, restringe-se às formas. Os temas continuam, em geral, os mesmos. E também não vejo porque deixarmos de tratar do amor, do ciúme, do trabalho, da fome, do patriotismo, da ecologia (parece que a mídia se esqueceu que esse tema já era cantado e decantado, no Brasil, desde a década de 30, ou mais...); alguns, na saudável ânsia de vivenciar o novo, inadvertidamente for-

çam formas, e, ao invés de estarem modernos, perdem o serem humanos.

**Pode-se afirmar, sem provincianismo (sem bairrismo, para ser mais claro) que aos 34 anos Brasília já tem uma personalidade cultural. Em caso positivo, como é possível traduzi-la?**

Aos sete anos de idade, o ser humano tem definidas as características-base de sua personalidade. Porém, para uma cidade, 34 anos ainda é tempo de menina. Posso arriscar, dizendo que Brasília me parece ter um traço cultural hegemônico, a partir da mistura de várias origens; falta-lhe coesão cultural, que há de surgir com o processo de integração das atividades artísticas, o que, aliás, está dentro dos objetivos da Academia de Letras do DF.

**Até que ponto a miscigenação de idéias provindas do regionalismo (Brasília é a esquina de todos os Brasis) ajudou ou ajuda Brasília a ter uma face própria em termos culturais? Seria pretensão dizer que Brasília já tem uma poesia, uma literatura, uma música, um teatro, ou ainda continuamos no limbo do cosmopolitismo que justifica todas as manifestações artísticas brasilienses?**

Aos da próxima geração, talvez leguemos um patrimônio, não apenas sob os títulos "cosmopolita", "hoolístico",..., mas sob um que leve tudo isso congruentemente disposto.

Por enquanto, nesta época em que tão pouco do importante e expressivo da Cultura Candanga vai além do Distrito Federal, compreendemos que, efetivamente, não há personalidade se ela não ressoa...

**O que é Poietiké? Um movimento?**

O termo POIETIKÉ vem do Grego, dá origem ao Latino Poética, que chega ao

nosso Poética.

A POIETIKÉ começou como uma marimba improvisada, no meio da praça, e é hoje um concerto que abrange vários países; integra-se à harmonia do alternativismo poético, nas vozes que, em uníssono, vêm de muitas partes do globo.

Como está em suas capas, a POIETIKÉ é um ponto de encontro para Poeta em qualquer parte do mundo; é um baú de recordações, que se pode abrir para reviver felicidades!

E tudo isso sem deixar de ser simples "folhinhas xerografadas", capazes de movimentar internacionalmente, por anos, razão & emoção dos Trovadores em causas nobres.

**Como é possível manter uma publicação alternativa por dez anos consecutivos? Qual é hoje o seu alcance? Sua abrangência?**

Em seu décimo ano de circulação ininterrupta, a POIETIKÉ mantém seu princípio de gratuidade. Quem escreve na POIETIKÉ nada paga, nada recebe em dinheiro. Esse negócio de mexer com dinheiro dá muito trabalho; é coisa para especialista. Mas, não me entendam mal: com a ajuda do dinheiro pode-se construir ou facilitar o Bom e o Belo; e há os que são honestos e admiráveis nesse setor também. A POIETIKÉ não tem patrocinador tão-somente porque quer ser completamente livre; entretanto, eu não vejo uma incompatibilidade genérica entre os "homens de negócios" e os da cultura.

**A "Poietiké" pode ser considerada remanescente dos poetas dos mimeógrafos, diríamos, um pouco mais moderno, seria da geração xerox?**

É claro que não mantenho correspondência constante com os aproximadamente três mil 500 nomes (distribuídos por todo o

Brasil mais 36 países) da relação de endereços da POIETIKÉ. Só publico em resposta aos que me escrevem: de 60 a cem por mês. Normalmente, eu só componho as matrizes; as xerox são feitas por favor, aqui e noutras partes do Brasil. A POIETIKÉ já foi reproduzida também na Argentina, no Uruguai, na Espanha, nos Estados Unidos e, muitas vezes, em Portugal.

O que chega ao meu conhecimento, a tempo, eu publico. Infelizmente, os convites chegam em cima da hora, e acabo nada escrevendo a respeito, pois dificilmente compareço. Gostaria de estar lá, no entanto, falta-me o tempo; quase não saio do meu escritório: os correspondentes da POIETIKÉ me permitem viajar pelo universo, sem sair da cadeira.

**Quantas pessoas, poetas, escritores, agitadores culturais, constam já dos arquivos da Poietiké, considerando a sua máxima de que é "um ponto de encontro para poetas em qualquer parte do mundo? Como é feito o intercâmbio?**

Amigas e amigos da POIETIKÉ, muitos. Recebo todas as semanas, cartas carinhosas e reconhecedoras. Inimigos, acho que tenho, mas devem ser do tipo "temporário"; um dia serão também meus amigos.

**Qual é a idéia-base da Academia de Letras do DF? Para uma pessoa que lida com uma revista como a Poietiké isto não parece muito acadêmico?**

Nada as separa; tudo as une. Particularmente, nas duas, estou com muitos. Só o "processo de fazer" é diferente. Na revista o processo é solitário. A Academia de Letras do Distrito Federal vai me oportunizar fazer com mais amplitude tudo o que eu fazia, o que pretendia fazer, o que eu

sonhava e até o que eu não percebia que sonhava...

São objetivos da ALDF: integrar a cultura diversificada do DF, interagir com o Brasil, fazendo convergir e irradiando as manifestações literárias, criar no Centro-Oeste um pólo que, a partir de São Paulo, atinja a Bacia do Prata, "palmilhar" as hidrovias do Norte e Nordeste, ..., isto é teoria e ação, seguindo as idéias de Platão, que adotamos.

E antes que alguém apelide, esta, de uma pretensa "conversa geopolítica", quero concordar em que a cultura não se faz no leito dos rios, entretanto, não nos esqueçamos que em suas margens florescem os municípios, e nos municípios estão os cidadãos do interior brasileiro, onde se encontram nossas reservas de valores, a essência de nossa cultura. Lá se pratica o encontro dos artistas, como coisa sistemática e natural.

**Em que a Academia poderá agitar o meio cultural brasiliense? Não se corre o risco de parnasiar o ambiente?**

Não. Nada temos contra o Parnasianismo. E nem ficaria bem para uma Academia, como a nossa, que se propõe ao respeito absoluto às idéias, começar com restrições e críticas. Consideramos a "forma exemplar" como expressão válida; desde que isso não se constitua em impedimento a outras expressões. Eu mesmo, como responsável pela edição da POIETIKÉ, sofri críticas por ser "condescendente", mas, há muito, deixei clara a minha posição particular: "Que me perdoem os mestres e cultores da boa forma (aos quais muito admiro e aplaudo), porém, ainda desta vez, vou privilegiar o conteúdo, para dar oportunidade a um maior número de poetas enviar suas mensagens (...) (1987).

**Qual a opção da Academia: o misticismo quase angelical do chá das cinco, onde prevalece a glória imortal do já ter feito, ou a eferescência endiabrada do desafio constante de ter que fazer?**

Eu é que não vou deixar de tomar chá, só pra dizer que estou moderno. Mas que seja um só, e nem precisa ser às cinco. Um biscoitinho champanhe pega bem, nessas ocasiões.

Para nós, imortais são os nossos patronos. Se nossa vitaliciedade é um fato, emprestamo-la à imortalidade deles. A função do Acadêmico (numa ponta) é manter vivos



**Apenas "linhas xerografadas" para os poetas do mundo...**

para o seu Povo seus Vultos Históricos, (noutra ponta) é ser seu Povo, vivendo seus homens ilustres e dignos, afastando-se do seu Povo, vivendo seus homens ilustres e dignos, afastando-se das "igrejinhas", palavras à qual, infelizmente, associaram "elite".

**O que vem a ser a iniciativa "As Trovas da Latinidade"?**

A POIETIKÉ promoveu (sempre gratuitamente) as "Trovas da Constituinte", "Trovas da Negritude", "Trovas dos Direitos Humanos", "Tiradentes" (Trovas), "Por Nossa América" (Poesias), porém, nenhuma alcançou a repercussão das "Trovas da Latinidade", lançado em 1986, já com seu vigésimo livrinho em formação (o décimo-nono fechou com a Trova nº 2667; a segunda edição do décimo-oitavo está sendo impressa em Portugal, e deverá ser lançada no "Seminário de Linhares", pessoalmente pelo Trovador Joaquim Francisco de Castro, que virá de Gondomar, por conta própria, especialmente para o evento).

Em "Trovas da Latinidade", você junta sua voz à de centenas de Trovadores de vários países, expressando as alegrias e vicissitudes de "Ser Latino", mostrando as belezas e a grandeza do "nosso povo", denunciando ou exaltando (conforme o caso), resgatando as raízes (que só nós podemos fazê-lo), descrevendo viagens, paixões, sonhos, fazendo (ou refazendo) a Histó-

ria..., enfim, dando-nos a conhecer, pois é assim que os nossos filhos e netos hão de nos amar, admirar e respeitar.

**Brasília, dizem seus desafetos, não tem alma. Portanto, não tem poesia, cara, literatura. É uma cidade insípida. Foi para combater estes delinquentes verbais que o sr. criou a, manifestação de trovas "Minha Cidade"?**

Tenho igual confiança nesse concurso/coletânea. As Trovas são feitas sobre a cidade onde o Trovador nasceu, aquela onde vive, aquela de que mais gosta, ou sobre todas elas... Peço apenas a ajuda de um selo postal para cada grupo de três trovas. Todas as trovas enviadas (se dentro das normas de métrica, rima, tema e prazo) serão publicadas na coletânea. Haverá certificado de participação para todos, e certificado especial, com a classificação e a Trova expressas, para os dez primeiros lugares.

Vejo MINHA CIDADE como uma boa oportunidade para os Poetas de Brasília darem sua colaboração ao desagravo, diante do processo depreciativo por que passa a Capital da República, em todo o País; mais que ninguém, eles poderiam separar o joio do trigo, isto é: mostrar que os poucos que passam aqui dois dias na semana para envergongar-nos, são simetricamente diferentes daqueles que constroem o dia-a-dia do nosso esperançoso futuro.

**Qual é a trova que já fizeram para Brasília?**

"Minha Cidade" foi lançada no final do mês passado. Até o instante, só me chegaram Trovas de Juiz de Fora/MG, Barra do Corda/MA, Maringá/PR, Pelotas/RS, Divinópolis/MG e Pará de Minas; do Distrito Federal, ainda nenhuma. Mas eu tenho esta poesia: "Balada de Brasília", já publicada inúmeras vezes (em periódicos de outros estados). Muito me sensibilizaria vê-la, pela primeira vez, em jornal da cidade à qual ela homenageia. Anexo-a.

**O velho Machado cunhou uma frase: "A solidão é a oficina das idéias" O sr. se dedica integralmente a produção cultural. É um monge das letras?**

Culturalmente, estou numa fase que pode ser reduzida a uma frase: dedico-me, na íntegra, à POIETIKÉ e á modesta colaboração que presto ao grupo organizador da Academia.

Frases (como a de Machado de Assis: "a solidão é a oficina das idéias" — que o senhor acabou de lembrar) devem ser tomadas com cautela. A "oficina" do ferreiro é o lugar e a bigorna; mas, não é o ferro (a modelar), nem o trabalho (transformador) que resultam no produto. O ferro veio das minas (e, atentemos para isso: por obra de outros) e o trabalho é do ferreiro. Porém, em verdade, também acho que é comum termos mais "idéias" quando não estamos com a atenção voltada para fora de nós... O que, por sua vez, não quer dizer que estamos ou não metidos na multidão, ou que não se possa fazer um poema no meio dela! Esse negócio de "solidão" é uma questão do nosso interior. Absolutamente só, em meu escritório, na madrugada, às vezes, tenho que dele sair, para descansar do alarido que salta da correspondência empilhada em minha mesa.

Para mim, a condição da existência é ter a referência. Tudo está em tudo. Por exemplo: não compreendo a criação literária como (exclusivamente) a expressão própria de um indivíduo dotado de qualidades especiais para tal; compreendo-a, isto sim, como uma das expressões de um todo cultural, no qual esse indivíduo está inserido, e que ele a expressa porque a percebe e interpreta. Assim, na verdade, não somos donos, em separado, de coisa alguma. A admiração e o aplauso deveriam ser para todo o grupo, a cultura ou a Humanidade. Os canhões de luz, no meu entender, por justiça, deveriam iluminar, palco-e-platéia.



**Wasny de Roure — PT**

## Conscientizando e Preservando

*A conscientização sobre o papel da ecologia na sociedade moderna é cada vez mais urgente. Estabelecer políticas de preservação da flora e da fauna, fixar normas de operacionalizar o desenvolvimento sem agredir o meio-ambiente e formar uma consciência generalizada da importância da conservação da Natureza são imperativos que emergem e devem ser encarados com seriedade e não apenas como um modismo importado.*

*Com base nessa compreensão, apresentamos à Câmara Legislativa*

*dois projetos de lei — atualmente em tramitação nas comissões temáticas da Casa — buscando chamar a atenção da opinião pública e da própria população para a beleza e riqueza de nossa fauna e flora. O Projeto de Lei nº 805/93 declara o Pirá-brasília (Cynolebias boitonei) o peixe símbolo do Distrito Federal. Já o Projeto 806/93 declara o Buriti (Mauritia flexuosa) o vegetal símbolo do DF. Respalda pelo Artigo 225 da Constituição Federal, nossa iniciativa procura promover a conscientização pública para a*

*conservação e preservação das espécies e do ecossistema do cerrado".*

*Para que a campanha surta seus efeitos, entendemos que a cada ano uma nova espécie animal e vegetal deve ser escolhida e declarada símbolo do DF. Assim, haverá oportunidade de se discutir a realidade de uma espécie de cada vez, contribuindo para difundir a situação da flora e da fauna da região. Nesse sentido vamos encaminhar emendas tratando desse aspecto.*